

REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 06, Nº 2 - 2º SEMESTRE - 2021

ISSN 2448-1793

DOSSIÊ
ÁFRICA
E SUA DIÁSPORA:
PENSAMENTOS E LINGUAGENS



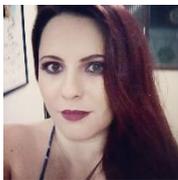
DO RONCAR DAS MONTANHAS AO ÉDEN PERDIDO: IMAGENS UTÓPICAS DO PLANALTO CENTRAL BRASILEIRO

FROM THE ROAR OF MOUNTAINS TO EDEN LOST:
UTOPIIC IMAGES OF THE BRAZILIAN HIGHLANDS

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5784544>

Envio: 04/09/2020 ♦ Aceite: 14/10/2021

Pepita de Souza Afiune



Doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás. Mestra em Ciências Sociais e Humanidades, na área de concentração: Expressões Culturais no Cerrado, pela Universidade Estadual de Goiás. Graduada em História e Pedagogia. Temas de interesse: Misticismo no Planalto Central Brasileiro, Interculturalidades, Orientalismo, História da Arte, Cinema e História, Jogos digitais e História.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo elencar as regiões de Paraúna (GO), Montalvânia (MG), Chapada dos Veadeiros (GO) e Serra do Roncador (MT) a partir da hipótese de que todas possuem algo em comum: uma natureza mistificada por muitos moradores e turistas. Muitos grupos e intelectuais espiritualistas/místicos/esotéricos se destacaram nesse contexto, pois atribuem essa adjetivação a partir de uma retomada dos conhecimentos de civilizações milenares e antigos mitos, como o de Atlântida. Teoricamente, o aparente paradoxo entre natureza e modernidade se apresenta como um debate necessário para compreendermos a forma como o homem passou a se relacionar com a natureza no contexto político, social e cultural moderno. Metodologicamente, iremos aplicar como fontes uma literatura esotérica, produzida por estudiosos do assunto, que procuraram analisar esses aspectos místicos nos locais referidos. Além da análise destas fontes, aplicamos pesquisas de campo, realizando visitas, conhecendo os locais, realizando registros imagéticos e realizando observações participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza; Misticismo; Esoterismo; Planalto Central Brasileiro; Modernidade.

ABSTRACT

This article aims to list the regions of Paraúna (GO), Montalvânia (MG), Chapada dos Veadeiros (GO) and Serra do Roncador (MT) based on the hypothesis that they all have something in common: a nature mystified by many residents and tourists. Many spiritual / mystic / esoteric groups and intellectuals stood out in this context, as they attribute this adjective to a resumption of knowledge of ancient civilizations and ancient myths, such as Atlantis. Theoretically, the apparent paradox between nature and modernity presents itself as a necessary debate to understand the way in which man started to relate to nature in the modern political, social and cultural context. Methodologically, it will apply as sources an esoteric literature, by scholars of the subject, who sought to analyze the mystical aspects in the established places. In addition to analyzing these sources, we apply field research, making visits, getting to know the places, making image records and field survey.

KEYWORDS: Nature; Mysticism; Esotericism; Brazilian Highlands; Modernity.

INTRODUÇÃO

Desde os primeiros relatos conhecidos de exploradores do interior do território brasileiro, encontramos indícios de mistificação da natureza percorrida, que, apesar de alguns momentos denunciar uma “ameaça” iminente, indicava rastros de um imaginário utópico europeu do século XV.

Esses rastros são indicativos da presença de um imaginário utópico existente desde os heroicos tempos da Grécia Antiga, quando a ideia de uma sociedade ideal permeava as narrativas, como podemos perceber na *Odisseia*. Homero narrou sobre a terra dos feácios, povos considerados os mais próximos dos deuses, ou a terra dos ciclopes, fértil e abundante.

Com o advento do cristianismo, surgiram especulações a respeito do paraíso terreno, e a partir da expansão marítima, o Ocidente passou a buscar o Éden nos trópicos. O Brasil assim apareceu no contexto do imaginário cristão conquistador, já que de acordo sua ótica, possuía todos os requisitos para ser o verdadeiro paraíso na terra.

Após o seu “desbravamento”, esse imaginário fantástico foi se deslocando para o Oeste. Este é o ponto de partida para compreendermos que o interior do território brasileiro começou a ser buscado por muitos viajantes, seja pelo interesse científico, colonialista ou explorador.

Para desenvolver esse debate, nos apoiamos em uma discussão histórica baseando-se em fontes que aqui denominaremos de literatura esotérica, como os estudos de Alice Bailey e Roselis von Sass, que se destacam no esoterismo internacional, e ícones do esoterismo regional, como Luís Salvi, Dioclécio Luz, Felipe Cocuzza, Alódio Továr e Elias Campos. Esses literatos alegam algo em comum, a ideia de que elementos da natureza são reminiscências de antigas culturas e que as mesmas deixaram registros de seus conhecimentos.

Os historiadores e cientistas sociais que entendem que existe uma relação dinâmica entre natureza e religião são Jhonni Langer, Paulo Bertran, Jean Delumeau, Keith Thomas e Edgar Morin. À luz desses debates sobre as origens e implicações da mistificação da natureza, analisaremos elementos presentes nas seguintes regiões do Planalto Central brasileiro: Paraúna (GO), Montalvânia (MG), Chapada dos Veadeiros (GO) e Serra do Roncador (MT).

A metodologia se baseia em pesquisas qualitativas, nas quais realizamos pesquisas de campo, em que coletamos registros fotográficos, análise de literatura esotérica e observações participantes. A literatura esotérica se tornou a fonte privilegiada de pesquisa, pela sua abundância e riqueza de informações.

A HISTÓRIA DAS UTOPIAS E A BUSCA DO ÉDEN

A ideia de lugares utópicos, presente no imaginário ocidental, veio se territorializando nos domínios do Planalto Central brasileiro. A utopia ao longo da história da humanidade tem elencado a natureza como seu elemento central, como podemos ver em Thomas More que em 1516 publicou a obra *A utopia*, como uma metáfora crítica da Inglaterra e de outros países europeus. Américo Vespúcio foi uma de suas grandes influências ao lado dos gregos Platão e Heródoto.

Thomas More relata a história de Rafael Hitlodeu¹ (não se sabe se o mesmo é um personagem real ou fictício), um ex-integrante das expedições de Américo Vespúcio, que teria levado adiante uma expedição por conta própria. Nestas novas rotas, Hitlodeu teria conhecido a Ilha de Utopia, permanecendo no local por cinco anos. Utopia foi descrita como uma mítica ilha habitada por homens e mulheres bem-aventurados e avançados. Cientistas, intelectuais e construtores, os utopianos não ambicionavam ouro e metais preciosos. Teriam recebido visitas dos povos egípcios e os romanos, e com esses contatos aprenderam novos conhecimentos.

A Ilha de Utopia representa uma civilização ideal, daí a origem da palavra utopia, “não lugar”, isto é, um lugar que não existe. Poucas são as informações geográficas que Thomas More nos oferece. A ilha teria aproximadamente as mesmas dimensões da Inglaterra e não há menção quanto a sua localização. Thomas More relata apenas que a ilha se localizava no Novo Mundo, o que demonstra claramente as influências das literaturas de viagem sobre a mente de um intelectual renascentista. Guillaume Budé, em uma carta² destinada a seu amigo Thomas Lupset, relatou sobre as suas impressões a respeito da Ilha de Utopia:

¹ Para Alessandro M. Coelho (2013, p. 29) a utilização do nome ‘Rafael’ por Thomas More seria a intenção de representar a figura de Rafael, arcanjo portador da cura, citado no livro apócrifo de Tobias, que o orienta em uma viagem que culminou com a cura de sua cegueira. Rafael pode também ser interpretado como um arcanjo que abre os olhos dos homens e lhes mostra o verdadeiro caminho da felicidade.

² A obra apresenta algumas cartas trocadas entre intelectuais da época, a respeito das impressões pessoais que tiveram ao ler a obra, sendo um elemento que contribui significativamente para a análise.

Mas na verdade verifiquei, mediante uma investigação completa, que Utopia está fora dos limites do mundo conhecido. De fato, é uma das Ilhas Afortunadas, possivelmente muito próximas dos Campos Elíseos e o próprio More testemunha que Hitlodeu ainda não indicou sua posição de forma precisa (MORE, 2004, p. 150).

A partir desse clássico da literatura inglesa, o termo utopia passou a ser relacionado a elementos fantasiosos ou sonhadores, inaugurando uma série de obras a respeito de modelos alternativos para as sociedades modernas. Johnny Langer (2005) afirma que o imaginário europeu foi tributário das descobertas dos novos continentes e as suas descobertas arqueológicas, surpreendidos pela grandeza de suas construções e seus mistérios.

Os primeiros desbravadores do território brasileiro encontraram uma terra incógnita, e passaram a atribuir significações baseadas em seu contexto cultural. A natureza peculiar desta região e a presença de tesouros suscitaram um imaginário coletivo que não deixou de implementar o seu interesse colonial, tomando estes elementos para corroborar com seu projeto. Temos aqui uma tentativa de apreender o desconhecido, com a necessidade de dominá-lo.

O Paraíso Terreal passou a ser o protagonista deste imaginário. Na opinião de Alessandro M. Coelho (2013) o Paraíso Terreal tem muitos nomes e interpretações, mas sempre permaneceu no pensamento utópico ocidental e sua busca desenfreada pelo Éden Bíblico. Esse pensamento tem um viés teleológico, pois visa a construção de modelos sociais, econômicos, políticos e urbanísticos utópicos para um novo tempo marcado pela convivência harmoniosa entre os homens. “Arquitetadas e produzidas pelo homem que cria, para si, um paraíso artificial de onde está excluído tudo o que lhe causa dor e temor, as utopias revelam sua fonte primária na dimensão religiosa” (p. 25). As utopias são para o autor, resultados de paraísos imaginados.

A navegação tornou possível a busca pelo Éden, surgindo assim os primeiros relatos do Paraíso Terrestre³. É do próprio Éden que emanam as águas da fonte da

³ Laura de Mello e Souza (1986, p. 27) esclarece que o mito do Paraíso Terreal na verdade sofreu deslocamentos, que antes de ser relacionado às Américas, teria anteriormente sido procurado na Ásia e na África. No século XV ele já estava no meio do Oceano, e depois ia se deslocando para o norte e para o oeste, conforme as descobertas geográficas.

juventude, águas regeneradoras e virtuosas, que faziam os idosos retornarem à juventude. A crença na existência do Éden em algum lugar geograficamente delimitado na Terra, advém de algumas interpretações da Bíblia, unidas a uma longa tradição mitológica greco-romana (a Idade do Ouro⁴, os Campos Elíseos⁵ e as Ilhas Afortunadas). O Paraíso Terrestre pode ser o início ou o fim. Pode ser a origem da civilização, quando no Éden os primeiros homens foram incumbidos por Deus de procriar e povoar a Terra, e ao mesmo tempo, o local no qual a humanidade descansará no fim dos tempos.

Pensadores como Homero, Hesíodo, Platão, Ovídio e Virgílio refletiram sobre o Paraíso como a felicidade das origens ou o aguardavam para o fim dos tempos. Após discutirem longamente sobre esse sonho coletivo recentemente, outros saíram em busca do paradeiro do jardim descrito na Bíblia (DANTAS, 2009, p. 32).

Pedriane Dantas (2009), em sua dissertação, debate que se acreditava que o paraíso, após o pecado original, encontrar-se-ia na Terra, e distante do mundo conhecido, separado por terra e mar, o que levou muitos a acreditarem que se localizaria

⁴ “Crono não era apenas um deus violento e ávido de poder. Ele presidia uma raça de homens a que os deuses tinham dado uma existência amena e pacífica, semelhante à deles. Como os deuses, os homens não envelheciam e não sabiam o que era cansaço nem dor. Para se alimentar, não precisavam trabalhar, porque a terra, sem ser cultivada, produzia o ano inteiro frutos em abundância. Sem esforço, portanto, os homens colhiam frutas deliciosas nos arbustos, abaixando-se somente para catar os morangos saborosíssimos que a natureza lhes oferecia. Não necessitavam usar roupa, porque só havia uma estação, a primavera. Sua vida tranqüila era marcada por festas em que as relações de amizade e mútuo bem-querer se expandiam. Esses tempos eram chamados de idade de ouro porque tinham a pureza, a riqueza e a eternidade do ouro. Mas essa raça de homens acabou se extinguindo, e outra a sucedeu” (POUZADOUX, 2001, p. 13). Felipe Cocuzza tem uma explicação para a extinção dessa raça: “[...] o homem vivia uma vida mais natural, em harmonia com o meio ambiente, a qual foi se desagregando com o desenvolvimento da racionalidade, que levou ambições e injustiças, enquanto paralelamente se retraía o lado espiritual” (COCUZZA, 1992, p. 21).

⁵ “Na parte ocidental da Terra, banhada pelo Oceano, ficava um lugar abençoado, os Campos Elíseos, para onde os mortais favorecidos pelos deuses eram levados, sem provar a morte, a fim de gozar a imortalidade da bem-aventurança. Essa região feliz era também conhecida como os Campos Afortunados ou Ilha dos Abençoados. Como se vê, os gregos dos tempos primitivos pouca coisa sabiam a respeito dos outros povos, a não ser os que habitavam as regiões situadas a leste e ao sul de seu próprio país, ou perto do litoral do Mediterrâneo. Sua imaginação, enquanto isto, povoava a parte ocidental daquele mar de gigantes, monstros e feiticeiras, ao mesmo tempo em que colocava em torno do disco da Terra, que provavelmente consideravam como de extensão reduzida, nações que gozavam favores especiais dos deuses, que as beneficiavam com a aventura e a longevidade.” (BULFINCH, 2002, p. 09).

no Oriente. O local não teria se submergido com o dilúvio, e para encontrá-lo, seria necessário transpor barreiras naturais, como o mar ou as montanhas. Por causa disso, muitos começaram a acreditar que o Éden poderia se localizar em um terreno de elevada altitude. Ele seria dotado de bons ares, agradável clima, terra fértil, beleza natural, árvores frutíferas, rica fauna e flora. São estes os elementos presentes na paisagem do Éden, ideia na qual o navegador ao encontrar novas terras, reconhecê-las com os olhos que percorreram os escritos bíblicos.

O Éden mágico também sugere medo, espanto e perigo. Há uma manifestação de seres mitológicos nos locais ainda não desbravados, como as sereias, as amazonas, dentre uma série de seres perigosos. As narrativas desses lugares exóticos apresentam ao mesmo tempo um paradoxo ao mencionar a presença de povos bárbaros, e em outros momentos, povos mais avançados. Por outro lado, há fatores sempre presentes relacionados às caracterizações da natureza, como encantadora, intocada, e habitat de seres incógnitos.

Em 1650 o conselheiro real de Castela, Antonio de León Pinelo, fez parte desta literatura fantástica, escrevendo sobre o Novo Mundo, publicando a obra *O Paraíso no Novo Mundo* com a tese de que o Éden bíblico se localizava no centro da América do Sul. Sua tese traz algumas informações interessantes: a árvore do conhecimento não produzia maçã, mas maracujá; o homem surgiu na América do Sul e nela habitou até o dilúvio; Noé teria construído a arca⁶ na cordilheira dos Andes e depois teria partido para a Ásia para fundar a nova civilização (HOLANDA, 2000, p. 171). Outros intelectuais da época também publicaram opiniões semelhantes à de Pinelo.

Desde a Idade Média europeia, o mito da Ilha Brasil povoava as mentes ocidentais, ávidas por conhecimentos de novos mundos. Na verdade, ela fazia parte da mitologia irlandesa, através de relatos de viajantes a respeito de uma ilha hipoteticamente encontrada no Oceano Atlântico. Inicialmente, acreditavam que a ilha se localizava na sua parte norte, mas depois do século XIV surgiram relatos que a

⁶ Outra teoria é a do alquimista Fulcanelli, que acreditava que a Arca de Noé na verdade era uma região em que os homens se refugiaram do dilúvio. Seria um local de elevada altitude, provavelmente nos picos das mais altas montanhas. Essa teoria posteriormente foi relacionada à existência de Atlântida (RODRIGUES, 2010, p. 90).

apontavam ao sul. Este mito se desdobrou em relatos fantásticos a respeito de seus habitantes, que seriam civilizações avançadas, e o local também passou a ser referido como o próprio Paraíso Terreal.

*Hy Brazil*⁷ era a ilha mitológica que se afastava no horizonte enquanto os homens tentavam alcançá-la. Uma terra de bem-aventurança, habitada por seres superiores, ou até mesmo dotada de tecnologia alienígena. Pelo fato de ser uma cultura superior, seus habitantes não pretendiam contatar outros povos. É evidente que esse mito povoou as mentes que viajavam além-mar, que começaram a procurar tal ilha, e atribuir seu nome a novas descobertas.

A palavra ‘brasil’ origina-se do celta ‘bras’ ou ‘bress’ que significa ‘benção’ (expressão que deu origem ao ‘bless’ no inglês que significa ‘abençoar’). As expressões irlandesas *Hy Brazil* e *O’Brazil* relacionam-se as ideias de “Terra dos bem-aventurados”, “Ilha da Felicidade”, ou “Terra Prometida”. Para Imaculada Kangussu (2014, p. 24) *Hy Brazil* era recorrente nos mitos celtas, desde o paraíso de Avalon até as lendas arthurianas. A autora defende que a palavra ‘brasil’ também pode ter origem no gaélico ‘breasil’ que pode ser traduzido como “soberbamente fino, grandioso, maravilhoso ou excelente”. No caso o prefixo *Hy* ou *O’* aplicam um elemento lendário, que se relaciona a ideia de ancestralidade. A autora acrescenta outra versão, que pode estar relacionada à lendária Ilha de São Brandão⁸, monge irlandês conhecido como um navegador que teria encontrado uma ilha a qual acreditava ser o Paraíso Terrestre. Ele teria sido enviado por D. Afonso IV que por sua vez, teria informado ao Papa Clemente VI em uma carta escrita em 12 de fevereiro de 1343, que estava acompanhada de um mapa (COCUZZA, 1992, p. 71).

Muitos historiadores acreditam que a palavra ‘brasil’, em qualquer uma de suas variações, já estava nas mentes lusitanas muito antes de sua chegada ao nosso

⁷ De 1351 a 1508, o mito sofreu várias modificações em sua nomenclatura: “Brazi, Bracir, Brasil, Brasill, Brazil, Brazile, Brazill, Bracil, Braçil, Braçill, Bersill, Braxil, Braxili, Braxill, Braxylli, Bresilge” (SOUZA, 1986, p. 28).

⁸ São Brandão também é conhecido como Sancho Brandão, que se deve à nomenclatura ‘Sancho’, um prolongamento do latim ‘sanctus’, que significa ‘santo’.

território. Um destes historiadores foi João Capistrano de Abreu, que em sua obra *Capítulos de história colonial* (1998) propõe:

O nome do Brasil já era bem conhecido e figurava em portulanos anteriores às descobertas dos portugueses; havia um nome à procura de aplicação, exatamente como o de Antilha, e isto explicaria a rapidez com que se introduziu e vulgarizou, suplantando outras denominações, como Terra dos Papagaios, de Vera Cruz ou Santa Cruz, se a abundância de uma apreciada madeira de tinturaria até então recebida por via do Levante, e o comércio sobre ela fundado desde o começo, não colaborassem na propaganda, e talvez com maior eficácia (CAPISTRANO DE ABREU, 1998, p. 38-39).

Laura de Mello e Souza (1986, p. 36 - 43) acredita que apesar de o Novo Mundo receber esses deslocamentos do imaginário europeu, ao mesmo tempo, também seria a expansão de sua fé e colonização. Assim, a natureza recebia os motivos edênicos, já seus habitantes humanos, depreciados, tratados como bárbaros e selvagens (o que não contradiz o “bom selvagem” rousseauiano), claramente para justificar suas ações colonizadoras. A autora também afirma que a visão edênica predominou, mas esteve convivendo concomitantemente às visões detratoras e infernalizadas do Novo Mundo. Isso porque na opinião da autora, o Renascimento teria sido muito enigmático, que promoveu uma ambiguidade, na qual se misturou inferno com céu, refletindo nas crônicas sobre o Novo Mundo.

O RONCAR DAS MONTANHAS DO PLANALTO CENTRAL

Os primeiros relatos enfocando os elementos naturais do cerrado foram produzidos pelos bandeirantes que buscavam na natureza sinais maravilhosos que revelariam tesouros naturais ocultos. É o caso do mito da Serra dos Martírios, motivador edênico da região do Cerrado (OLIVEIRA, 2012, p. 162). A Bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva deu origem à lenda da Serra dos Martírios. Segundo o bandeirante, havia signos do martírio de Cristo como a coroa, a lança e os cravos, esculpidos em minérios. O martírio de Cristo inspirou muitas visões ‘maravilhosas’ a respeito da natureza do Cerrado (*ibidem*, p. 162).

Depois a expedição de Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido como o Anhanguera Filho ou Anhanguera II, adentra no território de Goiás em 1722 com uma expedição com 152 homens armados e três religiosos (BERTRAN, 2000, p. 67). Uma mina de ouro descoberta pelo português integrante da expedição, Urbano do Couto Menezes (ou Urbano das Legendas), em 1750, permaneceria escondida até os dias de hoje, nas redondezas de Planaltina⁹. Contam as lendas locais que muitos já tentaram ou apenas desejaram percorrer o roteiro, mas, ele é assombrado por almas penadas e quimeras.

Há uma lúgubre versão, coletada por Joaquim Gilberto, de que Urbano teria enterrado em suas minas o próprio genro e os escravos que os acompanhavam, versão adulterada de fins do Século XIX, em que estava elevada, ao máximo, a luta dos abolicionistas republicanos contra os monarquistas escravocratas, com notável condenação ideológica dos últimos, mesmo tratando-se da construção de mitos (BERTRAN, 2000, p. 67).

Eliézer Cardoso de Oliveira (2012) nos mostra que o mito do Roteiro de Urbano de Couto também descreve uma rocha de forma ‘maravilhosa’. Ela seria tão alta que alcançava os céus, comparada até mesmo com a Torre de Babel. É interessante perceber que estes aspectos maravilhosos estavam presentes em serras, rochas, sempre com a promessa de incríveis riquezas. “Em quase todas as culturas conhecidas, o brilho intenso do ouro fascinava, tornando-o um metal especial [...] Por isso, o ouro era apresentado aos deuses em sociedades que cultuavam o sol, como a egípcia e a sociedade inca” (p. 165).

Paulo Bertran (2000) nos alerta que esse é apenas um dos mitos pré-existentes na região do Planalto Central durante o período colonial, que é considerado o mais antigo das lendas da região. Em várias regiões de antiga mineração no Brasil são comuns os mitos de tesouros escondidos. No Planalto existem muitos relatos de riquezas enterradas, colocadas dentro de paredes, ou debaixo das casas.

⁹ De acordo Bertran (2000, p. 132) essa região pode ser o Chapadão Pípiripau, aos redores da Lagoa Formosa (Planaltina-GO), pelo fato de as descrições no documento do Roteiro do Urbano identificarem características análogas. Mas, os relatos não são muito claros quanto a localização, focando apenas na exibição da riqueza. Atualmente, já existem cinco versões do Roteiro publicadas por diversos historiadores, como Alencastre, Henrique Silva, Silva Braga e Gelmires Reis. Bertran se baseia na versão de Henrique Silva na Revista *Informação Goyana* (março de 1918. Ed. fac símile em 6 volumes, Governo do Estado de Goiás. Goiânia: Cerne, 1979).

Se o prodígio pode, assim, implantar-se no próprio espetáculo cotidiano, se até os atos e fatos mais comezinhos chegam a converter-se em signos ou parábolas, impregnando-se de significações sobrenaturais, que dizer das coisas ocultas ou invisíveis, que apenas se deixam anunciar por misteriosos indícios? Não é uma verdadeira procissão de maravilhas – lagoas douradas, reluzentes serras, seres monstruosos e inumanos – o que costuma gerar o pensamento dos tesouros encobertos ou encantados do sertão? (HOLANDA, 2000, p. 178).

A tese de Luiz Ricardo Magalhães (2010) analisa o imaginário litorâneo em choque com o sertão e percebe que o ato de ir ao sertão e conquistá-lo, desbravando a sua desconhecida natureza, toma forma de uma aura fantástica. Daí resulta o fantástico nos relatos dos que os percorreram, que foram difundidos para muitas gerações. Esses relatos fantásticos apresentam uma característica de deslumbramento perante o desconhecido. Para Eliézer C. de Oliveira (2012) quando se utiliza o termo *maravilhoso* referimo-nos a admiração, encantamento e imaginação. São narrativas que se referem a fenômenos inexplicáveis, muitas vezes atribuídos a um aspecto divino. A própria falta de conhecimento dos domínios do cerrado acarretou uma série de tentativas de compreendê-lo.

Portanto, o fantástico ou o maravilhoso abrange desde a simples admiração diante da grandeza de um fenômeno natural raro até o estupor diante do prodígio milagroso. Os relatos sobre a natureza, às vezes, informam mais sobre o universo simbólico do autor do que propriamente sobre a natureza descrita.

Quando o maravilhoso se manifesta nas descrições da natureza, como conjecturo nos relatos dos conquistadores perante à peculiaridade natural do Brasil ou das áreas do Cerrado, que a visão predominante da natureza fantástica perdurou durante milênios no imaginário europeu, sendo muitas vezes indicativo da presença dos deuses que agem na natureza, ministrando sinais para os seres humanos. Tudo que ocorre na natureza é notado com muita atenção, pois tudo pode ser um sinal divino.

A natureza do Planalto Central brasileiro além de suscitar o imaginário conquistador europeu, atraiu posteriormente os olhares místicos. Vários elementos naturais presentes na região são indicativos da presença de forças telúricas, o que lhe confere essa aura mística. O quadrilátero do Distrito Federal está imerso em território

considerado em maior escala por muitos místicos como um local propício a experiências transcendentais. Os municípios de Paraúna e Montalvânia, a Chapada dos Veadeiros e Serra do Roncador são locais que merecem destaque nesse assunto.

Vertentes do esoterismo contemporâneo apresentam o Brasil como a terra de bem-aventurança, cujos habitantes teriam espíritos puros interligados intimamente aos entes da natureza, sadios, belos, com olhos castanhos e pele avermelhada. Estes seriam os seus primeiros habitantes, chamados de tupanos, dos quais descenderam os tupis. Estes povos originários teriam vivido na região central do Brasil, eram desenvolvidos intelectualmente, espiritualmente e materialmente. Seriam descendentes de atlantes¹⁰ e incas, já que reminiscências de ambos os povos teriam se refugiado no Brasil após a submersão de sua ilha (no caso dos Atlantes) e migrado através de construções de estradas com acesso ao Brasil, no caso dos incas. Essa é mais uma das teorias da escritora austríaca Roseli Von Sass¹¹ (1991, p. 75) que realizou muitas pesquisas na área da Proto-História (baseando-se em fontes históricas, arqueológicas e antropológicas). A

¹⁰ O pesquisador francês Henrique Onffroy de Thoron publicou em 1905 um ensaio sobre as suas explorações na América do Sul, com o objetivo de mapear as regiões e estudar o quíchua. Desenvolveu a teoria de que os fenícios, os gregos, os egípcios e os atlantes teriam visitado o Brasil. Thoron analisa etimologicamente a palavra 'atlântida', afirmando que 'atl' significa 'país' no egípcio antigo, e 'antis' significa 'altos vales', relacionando aos Andes. Ele afirmava então que os incas, que falavam o quíchua, herdaram elementos do grego e egípcio antigos. Outra parte de sua tese é a de que os egípcios se autodenominavam como a raça de cor vermelha, da mesma forma que os ameríndios (MAUSO, 1997, p. 58).

¹¹ Roseli Von Sass nasceu na Áustria em 1906. Chegou ao Brasil em 1926 e trouxe consigo seus estudos na área de ocultismo, astrologia, rosacruz e espiritismo, fundando a Ordem do Graal na Terra, uma instituição filosófico-religiosa-espiritualista. Começou suas investigações sobre um suposto passado espiritual da humanidade, pesquisando também sobre o Brasil. A autora relata que um certo dia teve uma visão sobrenatural, na qual teria vislumbrado um rei guarani, descendente dos toltecas, que veio lhe incumbir de uma missão espiritual no Brasil. A fundação desta Ordem filosófica fazia parte desta missão, e tudo que ela iria fazer no Brasil, seria acompanhada por mentores espirituais. A autora também relata que em muitas destas visões ela podia descobrir o que havia acontecido há milênios no planeta Terra. Declarou-se a reencarnação da Rainha de Sabá Belkis (MARINO, 2016). Sass (1991) cita o antropólogo Egon Schaden, afirmando que o mesmo teria baseado suas teorias nas tradições e fragmentos de lendas, repletos de lacunas, que eram transmitidos e assim sendo fragmentados entre os povos antigos. Na sua opinião, influenciada pelas pesquisas do antropólogo, não se pode aplicar o conceito de mito a essas histórias, pois ela acredita que são fruto das tradições orais que foram transmitidas de geração a geração entre os povos nativos do Brasil. Contudo, muitos achados arqueológicos têm corroborado com as teorias defendidas pela autora, como por exemplo, a teoria do contato dos povos incas com os brasileiros, através do estudo das estradas construídas pelo Império Inca.

autora divulgou suas teorias a respeito da origem do povo brasileiro, que muito contribuem para essa discussão por ser uma versão mística sobre a origem do Brasil e consequentemente, do seu Planalto Central.

Os povos tupanos na opinião da autora, habitaram o país há mais de 5 mil anos. Veneravam o deus supremo chamado *Nyanderuvusu*. Veneravam também uma mãe universal e seus filhos gêmeos, fatores que causaram choque cultural com os missionários que posteriormente chegaram ao Brasil, pois a religião cristã não admite uma mãe primária, nem tampouco dois filhos de Deus. Portanto, traduziram essa crença local de acordo os paradigmas católicos, relacionando a mãe universal à Virgem Maria, um de seus filhos a Jesus, e o outro, ao espírito santo, ou a versão humana de Jesus na Terra.

A Serra do Roncador, por sua vez, situada no estado de Mato Grosso, é marcada por histórias misteriosas, a começar pelo nome. De acordo Silva Neto em um artigo publicado na *Revista UFO* (2004), o nome roncador se deve ao fato de que pessoas relatam ter escutado sons semelhantes a fortes roncamentos em vários momentos. Esses sons são gerados pelos fortes ventos em seus paredões. Mas, muitos dizem que esses sons se devem às manobras de discos voadores.

A região ficou conhecida pela história do Coronel Percy H. Fawcett que realizou uma expedição ao interior do Brasil procurando o local em 1925. O coronel havia tomado conhecimento de umas teorias que estavam em voga há anos na Índia, desenvolvendo estudos no Brasil encontrando relatos de outros exploradores a respeito de uma cidade perdida, que poderia ser até mesmo o próprio Eldorado. Fawcett divulgou a sua teoria de que uma misteriosa cidade chamada “Z” teria existido no interior do Brasil, realizando uma expedição ao Mato Grosso, quando desapareceu nas imediações da Serra do Roncador.

O ano marcado pelo desaparecimento¹² do coronel, 1925, é descrito por Paulo Bertran (1995) como um cenário milenarista. A versão do historiador nos conta que

¹² “Instigados pela comunidade científica internacional, organizam-se equipes de busca para a desaparecida expedição. Nestas, percebe-se diversas projeções imaginárias envolvendo o mito. Em 1928, a aliança de jornais norte-americanos financiou o comandante George Dyott, que regressou de Mato Grosso sem informações concretas, lançando em 1930 o livro *Man Hunting*

Fawcett havia se entusiasmado após a descoberta de Macchu Picchu em 1911, e em 1914, a serviço da Bolívia, desviou da sua missão para explorar o Mato Grosso. Ele cita algumas fontes que na sua opinião não são confiáveis, que levam Fawcett a experiências ocultistas no Oriente. Jhonni Langer (1996, p. 101) por sua vez, acredita que Fawcett havia tido contato com estudos ocultistas tendo conhecido alguns de seus métodos como a projeção astral, telepatia e psicometria. Bertran relata que Fawcett teria recebido de presente uma estátua de Sir Haggard:

O ídolo, esculpido em basalto negro, tinha singulares propriedades elétricas: Quem o tomasse na mão recebia um choque pelo braço, as vezes forte o bastante para assustar. Fawcett levou a estatueta para perícias no British Museum, onde os experts saíram-se com uma pérola de judiciosidade: "Se não fosse falsa, escapava completamente a seus conhecimentos" (BERTRAN, 1995, p. 34).

Fawcett achava que a estátua era um receptor de rádio, que trazia mensagens de uma origem remota. Levou a estátua a um médium, que ao colocar suas mãos no objeto, relatou que visualizou uma ilha situada entre o norte da África e da América do Sul, habitada por um povo altamente civilizado. Essa ilha teria submerso no oceano após uma catástrofe e poucos habitantes se salvaram. Os habitantes eram os atlantes e a estátua era um ídolo.

Fawcett se baseou no manuscrito 152 identificado como o *Mapa de uma Cidade Perdida* de autoria de João da Silva Guimarães datado de 1754. Este documento é uma carta que descreve uma cidade perdida que fora descoberta por bandeirantes. É

in the jungle, baseado nessa experiência. Já a expedição de Albert Wintom, no ano de 1930, acabou também por desaparecer misteriosamente no mesmo local, aumentando a polêmica do mito. Porém, a situação atingiu proporções fantásticas com o caçador suíço Stefan Rattin. Em 1932, teria encontrado em uma tribo de Mato Grosso, um prisioneiro branco. Descreditado pelas autoridades, conseguiu apoio para uma nova expedição chefiada pelo jornalista Horácio Fusoni, composta de sete paraguaios e sete brasileiros. Pouco depois, toda a equipe desapareceu totalmente [...] As notícias mais sensacionais envolvendo o caso foram transcritas pelo explorador Willy Aureli. Em 1937-38, recebeu o depoimento de indígenas Carajá que aludiram a um chefe branco dos Xavante e também de seringueiros e caboclos confirmando a mesma narrativa. Na década de 40, Willy Aureli ainda transcreveu outras narrativas regionais, entre as quais a de uma ex-prisioneira dos Caiapó, aludindo a um chefe branco que comandava ataques dos índios contra os seringueiros do Xingú. Na mesma época, o pesquisador Henri Vemes afirmou que Fawcett tinha tornado-se rei de uma tribo de homens brancos, numa civilização perdida entre as selvas." (LANGER, 1996, p. 104).

considerado o único mapa conhecido de uma cidade perdida no centro do Brasil. “Desde o tempo dos bandeirantes, o teor do documento desperta interesse de aventureiros, sertanistas, cientistas, historiadores e pesquisadores das mais diversas nacionalidades [...]” (BIBLIOTECA NACIONAL, s/d).

Em 1980 o sobrinho do Coronel Fawcett, Timothy Paterson, publicou um livro intitulado *O templo de Ibez*, como resultado de suas investigações a respeito do desaparecimento de seu tio. Ibez, na sua opinião, seria uma cidade subterrânea, que teria misteriosas ligações com Paraúna, através de inscrições que ele encontrara em ambas as regiões. Acredita-se que a cidade subterrânea é um espaço interdimensional, habitado por seres portadores de avançados conhecimentos, e que interliga os centros místicos no mundo.

Em 1945 os irmãos Villas-Boas fizeram parte do desbravamento de seu território, renovando a relação com os indígenas, pois praticaram uma maior aproximação e convivência com estes grupos.

Segundo a esotérica britânica Alice Bailey, sucessora de Helena Blavatsky, Shamballah possuía um posto avançado localizado no centro da América do Sul, o templo de Ibez. Em sua obra *Tratado sobre Magia Branca* (2002, p. 198) com a sua primeira edição publicada em 1925, a autora defende que os vestígios de seus abrigos subterrâneos serão encontrados um dia, o que pode ter contribuído para as motivações do coronel Fawcett ao se aventurar pela Serra do Roncador. No Templo de Ibez grandes avanços foram realizados, assim como relata Alice Bailey:

O primeiro posto avançado da Fraternidade de Shamballa foi o templo original de Ibez, localizado no centro da América do Sul, e uma de suas filiais, em um período muito mais tarde, foi encontrado nas antigas instituições maias e no culto fundamental do Sol, como fonte de vida nos corações de todos os homens. Um segunda filial foi posteriormente estabelecida na Ásia, e neste ramo os seguidores de Himalaia e sul da Índia, são os representantes, embora o trabalho tenha mudado materialmente No futuro, serão feitas descobertas que revelarão a realidade do antigo tipo de trabalho hierárquico. Arquivos e monumentos antigos serão revelados, alguns acima do solo e muitos em abrigos subterrâneos (BAILEY, 2002, p. 198).

A Chapada dos Veadeiros também se destacou dentre as vertentes esotéricas. Na década de oitenta, vários grupos esotéricos espalhados pelo Brasil pregavam suas visões e sonhos a respeito de Alto Paraíso, que seria um lugar sagrado e ideal para se estabelecer. O desenvolvimento da região também pode ser considerado a partir da construção de Brasília, que atraiu grande contingente populacional.

A natureza da Chapada dos Veadeiros suscita muitas interpretações mágicas. O Mirante da Estrela ou Mirante do Areião, localizado no Distrito de São Jorge, é um local muito procurado por esotéricos para praticar rituais, meditação e visualizar óvnis. Os proprietários da região fizeram uma mandala com pedras, no formato de um pentagrama¹³ dentro de um círculo, para a prática de meditações e rituais. Lendas regionais contam que o local emite uma energia, funcionando como uma espécie de discoporto (AFIUNE, 2016, p. 119).

A presença dos cristais é um dos pontos principais da atração dos grupos à região, visto que eles utilizam o cristal em terapias, para fornecer estímulos da mesma forma que as agulhas da acupuntura. Os cristais são aplicados em pontos físicos que levam o organismo a um equilíbrio energético. “O cristal sempre foi símbolo da luz celeste e divina” (SIQUEIRA, 2003, p. 64). E isso era tanto para as culturas indígenas, que o consideravam uma substância sagrada, quanto para os povos australianos que o consideravam o reflexo do mundo, uma substância espiritual. “A própria força mineral das chapadas, induz a gerar locais de poder e centros espirituais” (SALVI, 2007, p. 96).

Místicos acreditam que os cristais emitem um campo de vibração energética capaz de abrir portais dimensionais e que as civilizações antigas como os maias ou sumérios utilizavam cristais no cume das pirâmides para canalizar energias cósmicas (AFIUNE, 2016). Os cristais, na visão esotérica ufológica, “vão servir futuramente para comunicações extraplanetárias e galácticas interdimensionais [...]” (INSTITUTO SOLARION *apud* SIQUEIRA, 2003, p. 86).

¹³ O pentagrama circunscrito é utilizado em rituais que simbolizam o homem dominando os elementos da natureza, invocando os quatro elementos alquímicos ar, terra, fogo e água. Acredita-se que através do pentagrama são invocados os seres elementais, uma espécie de seres espirituais que atuam na natureza. A quinta ponta do pentagrama, simboliza o quinto elemento, a dimensão espiritual. Manipular as forças do universo é saber manipular esses cinco elementos (AFIUNE, 2016).

Para Salvi (2007, p. 113) o cristal potencializa o mistério e o fascínio. É considerado mágico por refratar a luz e revelar o arco-íris. É o símbolo da alma e a relação entre a luz e a matéria, sendo concebido como uma forma de “luz condensada”. Místicos acreditam que a região emana uma energia, sendo um local de cura possibilitada pelos cristais. O cristal representa a luz divina que se projeta sobre os peregrinos que vão ao local em busca de algo.

Esse poder energético¹⁴ creditado pelos místicos ao cristal de quartzo relaciona-se ao seu suposto efeito piezoelétrico, isto é, produção de voltagem elétrica. A placa de cristal atuaria como um catalizador de energia no ambiente. Os físicos franceses Jacques e Pierre Curie criaram esse termo em 1880 quando perceberam que cristais de turmalina, quartzo e topázio reagiam com cargas elétricas quando sofriam um impacto físico por ação de pressão. Os cristais são utilizados em telefones celulares, computadores, televisores e relógios.

Elias Campos (2002, p. 36 - 45) apresenta uma leitura mística da região, acreditando que a mesma possui canais ou portais interdimensionais entre o mundo físico e o extrafísico, além de dois elementos químicos que ainda não foram descobertos. Ele acredita que não há tecnologia suficiente para lidar com esses elementos e que os mesmos também podem ser combustíveis para naves espaciais. Ele afirma também que existem portais extrafísicos que interligam a Chapada dos Veadeiros aos Andes.

O Morro da Baleia, situado na GO-239 que liga Alto Paraíso a São Jorge, também suscita interpretações místicas, sendo que ali muitos esotéricos realizam rituais e vigílias. A região é conhecida como a “Montanha Sagrada”, uma espécie de um domo montanhoso, que muitos acreditam apresentar o formato de uma baleia. O Morro da Baleia encontra-se em frente ao Morro do Buracão, sendo que popularmente conta-se que ambos formam uma espécie de um portal dimensional entre Alto Paraíso e São Jorge. Conta-se também que existe uma grande marca circular nas rochas que supostamente seria sinal de pouso de uma nave. Isso porque existiria um campo de força

¹⁴ O caso dos cristais é emblemático das mudanças das representações em relação à natureza em direção ao encantamento. Visto como recurso econômico na época da I Guerra, agora passou a integrar um bem simbólico da cidade.

magnética que atrairia naves extraterrestres. Muitos esotéricos realizam vigílias no local.

A baleia olha para o poente; de fato, existe outra ‘baleia’ na Serra do Roncador [...], que é a Montanha Sagrada-fêmea, e ambas se comunicariam por canais intraterrenos. Muitos sobem ali para tentar avistamentos extraterrestres, e ela faz fronteira entre o Parque da Chapada e os moradores da região (SALVI, 2007, p. 91).

Os relatos ufológicos continuam se difundindo, até que muitas pessoas passam a procurar o local com a expectativa de encontrar óvnis. Assim, o turismo passou a explorar essa temática como um atrativo, tendo também apoio do poder público, que procurou construir essa identidade da região para quem chega de outros lugares, como é o caso do Portal Arquitetônico¹⁵ que se localizada na entrada da cidade (Figura 1).

Figura 1 – Portal ufológico na GO-118 (Alto Paraíso-GO)



Fonte: Autoria própria (2015). Obra de Luís Gonzaga de Q. Silveira (2008).

¹⁵ O monumento apresenta dois arcos sustentando uma plataforma em forma de disco, que por sua vez, apresenta um cristal em seu cume. Segundo o autor do projeto, o engenheiro Luiz Gonzaga de Q. Silveira, a presença do cristal tem o objetivo de representar a base da economia tradicional da região. Contudo, é inegável o seu uso místico, e unindo-se à forma do portal, que sugere um formato de uma nave pousando em meio à GO-118, não se pode negar que isso categoriza uma representação mística da região. Para alguns moradores, esse foi um projeto “eleitoreiro”, uma interferência cultural de natureza estatal. Este monumento teria sido imposto pelo governo estadual à população da cidade, sem uma consulta prévia, baseando-se em apelativos turísticos (SALVI, 2009, p. 35).

Na Chapada dos Veadeiros, portanto, não deixou de existir uma visão edênica da natureza, porém, suas representações ufológicas criaram um novo tipo de utopia, por sua vez, pautada em preceitos pós-modernos, que mistificam a natureza como uma forma de refúgio em meio ao caos da modernidade.

Outro município de destaque é Montalvânia (MG), localizada a 600 km de Brasília. O jornalista e pesquisador Dioclécio Luz (1986) relata em sua obra que o Planalto Central brasileiro foi permeado por muitos relatos místicos. Foram encontradas muitas inscrições em cavernas, que indicariam a presença dos habitantes de Atlântida na região (aqui nos lembramos das teorias de Roseli Von Sass). Esses resquícios dessa antiga civilização, de acordo com o autor, mostrariam que o local teria sobrevivido ao dilúvio bíblico. Dioclécio Luz participou de uma caravana para a cidade e conta em seu livro as experiências vivenciadas e as histórias que ouviu no local. Seu grupo visitou Antônio Montalvão, fundador da cidade.

No local existe uma caverna batizada de Caverna de Poseidon (Figura 2), local que segundo Antônio Montalvão, é o guardião da história do mundo. Realizando uma leitura particular das rochas, ele apresentava à caravana deuses, macunaímas, janaínas e perseus. Outras teorias excêntricas de Montalvão merecem destaque: nas cavernas de Montalvânia estariam os restos mortais de Abraão e sua esposa Sara; uma outra caverna, chamada Vulcano, estaria interligada à Ilha de Páscoa e ali poder-se-ia comunicar com os Moais; a nossa civilização não descenderia de Adão, mas de células cósmicas de gigantes ciclopes que vieram de outros planetas; quando as águas abaixaram após o dilúvio, o nosso continente foi dividido em três ilhas: a Atlântida (Planalto Central), Hiperbórea (Alto Amazonas) e Limensur (Andes) (LUZ, 1986, p. 144-147).

Figura 2 – Caverna de Poseidon (Montalvânia-MG)



Do roncar das montanhas...

Fonte: J.A. FONSECA (2014). Disponível em:
http://www.viafanzine.jor.br/site_vf/pag/7/fonseca_montalvania.htm.

Como pode-se perceber, a imagem foi grifada pelo arqueólogo J.A. Fonseca a partir de suas pesquisas realizadas na região, para mostrar que a figura em destaque é interpretada por muitas pessoas como o deus grego Poseidon. Além dessas teorias, Montalvão relatava sobre seres de outros planetas:

Os marcianos destruíram seu planeta há 3.000 anos com uma guerra atômica. Duas facções tiveram que sair, vieram aqui para a Terra. Os bons ficaram no Triângulo das Bermudas (que tem saída na Serra do Roncador, em Goiás). Os maus não existem mais – voltam a renascer como animal, vegetal ou mineral. Os bons, eu forneci energia e eles voltaram para Marte. De maio (1985) para cá Marte começou a criar atmosfera, está azul, não mais vermelho, não é mau, é bom (LUZ, 1986, p. 146).

Montalvão atribuía às inscrições rupestres das cavernas a representação de uma “Bíblia de Pedra”, pronunciando que descobriu uma nova Mesopotâmia, pelos rios Cochá e Carinhanha, correspondentes ao Tigre e Eufrates. Quando foi eleito prefeito de Montalvânia em 1972, procurou divulgar seus achados arqueológicos, estimulando pesquisas no local.

Paraúna (GO) também é uma região que demonstra uma outra face além da natureza exuberante. O pesquisador Alódio Továr (1986) realizou uma pesquisa na região, afirmando que “se alguma civilização pré-histórica tiver deixado traços diferentes em algum lugar, o Planalto Central do Brasil guarda algum sinal claro e visível dessas civilizações” (p. 01). O pesquisador documentou a região buscando os seus monumentos, sejam eles naturais ou artificiais que intrigam a muitos pelos seus curiosos formatos. A sua beleza natural e os seus curiosos relatos foram os responsáveis em nutrir o turismo na região, que têm desenvolvido a pacata cidade do interior goiano.

O pesquisador acredita que há uma ligação entre Paraúna, Ilha de Páscoa e a Serra do Roncador, pelo fato de que existem dois conjuntos de pedras porosas avermelhadas que são presentes nestas outras duas regiões. A cristalização das rochas e a erosão formaram curiosos formatos (cálice, tartaruga, índia, dentre outros).

A Serra das Galés é um grande ponto turístico reconhecido pelas suas formações que sugerem antropomorfismos e zoomorfismos, e principalmente pela Pedra do Cálice (Figura 3). A Serra é um conjunto de blocos de arenito “remanescentes de uma decomposição metamórfica que apresenta formas curiosas esculpidas pela erosão eólica” (*ibidem*, p. 27).

Figura 3 – Pedra do Cálice na Serra das Galés (Paraúna-GO)



Do roncar das montanhas...

Fonte: Cally Afiune (2017).

Existe também um bloco de arenito que muitos acreditam encerrar uma estrutura subterrânea, o que nos lembra dos reinos de Agharta cujas entradas poderiam ser encontradas no Tibete. Outras formações rochosas sugerem formatos piramidais (semelhantes a altiplanos encontrados na região de Nazca) e muralhas incas (*ibidem*, 1986).

Outros locais sugerem portais lacrados a partir de histórias contadas por moradores da região, que contam que em 1933 um grupo de ingleses em uma missão arqueológica penetrando em alguns túneis, encontraram uma passagem que dava acesso a uma imensa galeria, capaz de abrigar milhares de pessoas. Mas esta entrada ninguém sabe onde se localiza, estando apenas nos relatos das pessoas (*ibidem*, 1986).

Na fronteira entre o município de Paraúna e Ivólândia, na microrregião da Serra dos Caiapós, em um local de difícil acesso, existem blocos enormes de arenito vermelho, onde uma caverna teve sua formação devida a desmoronamentos internos de um dos rochedos. Ali existem figuras em um painel, que dão a impressão de terem sido

desenhadas com tinta branca ou vermelha, que muitos interpretam relacionando a simbologias de civilizações da antiguidade (esfinge, sarcófago), ufos e símbolos do tarot. “Ali existem traços de civilizações conhecidas e os cinzelamentos retratam, por exemplo, formas do Antigo Egito e símbolos cosmológicos da Astrologia dos Caldeus” (*ibidem*, p. 77).

Esses locais considerados místicos na maior parte das vezes são representados em meio à natureza, distante dos grandes centros urbanos, pois se acredita que é da natureza que emanam as energias. Segundo Rosa (1998), toda essa energia provém de um sistema cósmico que se renova a cada Era, acelerando partículas presentes em todos os seres vivos. De tal modo, estaria existindo uma evolução a nível atômico e a nível celular, desconhecida pelos cientistas. Essa evolução encaminharia a humanidade a expandir sua consciência, compreensão, mente, inteligência e sensibilidade, fazendo com que os espíritos mais evoluídos reencarnem, e os atrasados nesta evolução, fiquem de fora.

Essa revalorização da natureza consiste em tratá-la como algo sagrado, para que a humanidade possa superar as dualidades próprias da Era de Peixes que realizou as separações entre o homem e o planeta. Os povos da Antiguidade já procuravam alcançar essa harmonia, que se perdeu com o mundo moderno. Assim,

a natureza pode ser um caminho precioso para chegar a Deus, ou à própria iluminação, como tem sido prescrito tantas vezes [...] Um novo caminho é apontado, de viver um verdadeiro romance com toda a criação (com o infinito e a eternidade) [...] a natureza é uma base universal para toda a vida, e não se trata apenas de sacramento” (*ibidem*, p. 120).

As regiões remotas são como os desertos na Bíblia, locais procurados pelos profetas em busca de paz interior e do contato com Deus. Os locais ermos e inabitados, em contraste com as regiões populosas e descontroladas, representam a chegada de novos tempos. Esses locais são favoráveis à re-humanização do homem, estando distante das culturas superficiais e mercantilistas (SALVI, 2010). Existem diferenças significativas entre litoral e interior, sendo a primeira, uma cultura voltada para o exterior, favorecendo os intercâmbios. Já o interior por sua vez, guarda estruturas

sociais mais complexas, por ser um local mais desafiador, vocacionada para guerreiros. Na opinião do autor, quem procura locais inóspitos procura aventura, o inesperado, envolvendo também maiores projetos como a fundação de novas cidades, como é o caso de Brasília. Além da localização, as altitudes também influenciam, como podemos perceber no exemplo das montanhas da Ásia Central, sendo atribuídos a esses locais um favorecimento da longevidade humana e autonomia. Muitas descrições do paraíso terrestre envolvem locais elevados, e muitos deuses habitam esses lugares, como o monte Kailas, lar mitológico de Shiva e via de acesso ao Nirvana. “As migrações e os êxodos buscam geralmente o interior das terras, regiões ainda inexploradas [...] Tais movimentos comumente acontecem sob algum impulso histórico especial, e não raro sob manifestações de índole profética ou messiânica” (*Idem*, p. 101).

Para Costa e Steinke (2012, p. 23), os pontos mais elevados são relacionados a sacrifícios, orações e cultos, proporcionando uma aproximação com o divino, por sua vez as regiões planas e férteis representam uma benção para a produção dos alimentos. O próprio catolicismo tem suas referências às regiões elevadas, como o Monte das Oliveiras, as Colinas de Golã e o Sermão da Montanha. Igrejas são construídas em locais elevados. Um adequado exemplo citado pelos autores é o Morro da Capelinha, em Planaltina, no qual, a via-sacra é encenada anualmente, assistida por milhares de fiéis.

Jean Delumeau e Sabine Melchior-Bonnet (2000, p. 09-10) também nos mostram que existe um vínculo entre a natureza e o sagrado. Os locais elevados na sua opinião, é propício para a manifestação dos poderes divinos, fato partilhado pelas várias religiões do planeta, como a Acrópole, com os seus templos, o Olimpo, a morada dos deuses, e o monte Sinai, em que Moisés recebe uma mensagem de Deus.

Segundo Salvi (2000, p. 14) a montanha é um símbolo de elevação, sendo um dos mais poderosos símbolos. As culturas andina e tibetana acreditavam que viver nas planícies era mais sábio. As regiões altas e centrais costumam corresponder a mitos atávicos e a profecias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de colocar em paralelo estas quatro regiões localizadas no Planalto Central brasileiro, procuramos mostrar que a natureza foi o ponto preponderante na mistificação desses locais. Tanto a Chapada dos Veadeiros, como a Serra do Roncador, Montalvânia e Paraúna, possuem lendas difundidas popularmente, baseadas em elementos que mistificam a natureza, seja retomando mitos de civilizações antigas, como a Atlântida, ou implementando os mitos modernos, como os óvnis. Apesar de dividirmos essas tipologias de mitos, percebemos que os aspectos comuns imputados à natureza são oriundos de uma mesma raiz: a história dos lugares utópicos. Elencamos a edenização como ponto de partida, mas percebemos que a natureza foi, ao longo da história, recebendo adjetivações diversas através dos olhares próprios de seu tempo.

A modernidade se apropriou de simbologias arcaicas, como podemos perceber na permanência da mitologia em regiões ermas, distantes, em que a natureza predomina. A modernidade ao mesmo tempo que dissolve as antigas mitologias, agrega outras novas, realizando um processo de regeneração do pensamento simbólico / mitológico.

O homem moderno passou a lidar com a natureza de forma poética e sensibilizada. Ele se encanta perante às maravilhas da natureza. Seja qual for o grau da irreligiosidade do indivíduo moderno, ele é sensível aos encantos da natureza e reconhece uma experiência que vai além da contemplação estética. A natureza passou a ser ambiente de fuga para os habitantes dos grandes centros urbanos. O apreço pela natureza se converteu em uma espécie de ato religioso, sendo concebida como moralmente benéfica. Isso porque o seu papel agora é salutar ao homem, exercendo um poder espiritual sobre ele.

Sendo assim, a natureza passou a ser o local em que o sobrenatural tem mais espaço para se manifestar. Além disso, todos os seus mistérios possuem tentativas de explicação por parte dos literatos que buscam se opor aos métodos científicos modernos, procurando se basilar na sabedoria dos povos milenares. Essa sabedoria é retomada por muitos dos esoterismos como modelos de civilização ideal.

REFERÊNCIAS

ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de história colonial: 1500-1800**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. [Coleção Biblioteca Básica Brasileira].

AFIUNE, Pepita de Souza. **“Lugar de outro mundo”**: O Reencantamento do mundo e as narrativas ufológicas em Alto Paraíso (GO). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2016.

BAILEY, Alice A. **Tratado sobre magia blanca**. Por el maestro tibetano Djwhal Khul, Málaga, Espanha: Sirius, 2002. Disponível em: <http://www.sanctusgermanus.net/ebooks/tratado%20sobre%20magia%20blanca.pdf>. Acesso em 16 de setembro de 2018.

BERTRAN, Paulo. A Atlântida e a tradição Fawcett. DF Letras. Câmara Legislativa do Distrito Federal, ano 2, n. 17 a 20. Suplemento Cultural, 1995. p. 31 – 37. Disponível em: <http://biblioteca.cl.df.gov.br/dspace/bitstream/123456789/1827/1/Texto%20integral%20%28PDF%29>. Acesso em 11 de dezembro de 2018.

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no Planalto Central: Eco-história do Distrito Federal**. Edição revista e atualizada. Brasília: Editora Verano, 2000.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Documento 512: “O mapa de uma cidade perdida”**. s/d. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/curiosidades/documento-512-mapa-uma-cidade-perdida>. Acesso em 17 de dezembro de 2018.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: A idade da fábula. Histórias de deuses e heróis**. Tradução de David Jardim Júnior. 26ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S/A, 2002.

CAMPOS, Colemar Elias. **Mistérios da Chapada dos Veadeiros e alguns problemas brasileiros**. Goiânia: Kelps, 2002.

COCUZZA, Felipe. **A mística da Amazônia**. São Paulo: Zohar, 1992.

COELHO, Alessandro Manduco. Política, religião e utopia: o discurso e a crença religiosa submersos na imaginação e pensamento utópico. **Revista Páginas de Filosofia**, v. 5, n. 2. Universidade Metodista de São Paulo. jul./dez, 2013. p. 21-36. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PF/article/view/4407>. Acesso em 08 de maio de 2018.

COSTA, Everaldo Batista da & STEINKE, Valdir Adilson. Da natureza do sagrado à natureza do lugar: Morro da Capelinha (DF) como patrimônio natural. OLAM – Ciência & Tecnologia. Ano XII, n. 1-2, janeiro/dezembro, Rio Claro/SP, 2012, p. 52 - 74. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11797/1/ARTIGO_NaturezaSagradoNaturezaLugar.PDF. Acesso em 11 de dezembro de 2018.

DANTAS, Pedriane Barbosa de Souza. **Destino da ilha sob a mira do Éden**: Fernando de Noronha no percurso do tempo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

DELUMEAU, Jean & MELCHIOR-BONNET, Sabine. **De religiões e de homens**. Rev. Maurício B. Leal, Sandra G. Custódio e Cristina Peres. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000. [Grandes nomes do pensamento brasileiro].

KANGUSSU, Imaculada. O Brasil e as utopias. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 22-37, ago. 2014. p. 22 – 37. Disponível em: http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5649/1/ARTIGO_BrasilUtopias.pdf. Acesso em 08 de julho de 2018.

LANGER, Johnny. Arqueologia do irreal: As cidades imaginárias do Brasil. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

LANGER, Johnny. Civilizações Perdidas no Continente Negro: O Imaginário Arqueológico sobre a África. **Mneme: Revista de Humanidades**. v.7, n. 14, fev./mar. Paraná, 2005. Disponível em: <http://www.seol.com.br/mneme/ed14/143.pdf>. Acesso em 17 de maio de 2018.

MAGALHÃES, Luiz Ricardo. **Sertão Planaltino: cultura, religiosidade e política no cadinho da modernização (1950 – 1964)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

MARINO, Vito. A escritora Roseli Von Sass e a demanda do Santo Graal como doutrina. **Vito Marino blogspot**. 2016. Disponível em: <http://vitomarino.blogspot.com.br/2016/12/roselis-von-sass.html>. Acesso em 11 de maio de 2018.

MAUSO, Pablo Villarruba. **Mistérios do Brasil: 20.000 quilômetros através de uma geografia oculta**. São Paulo: Mercury, 1997.

MORE, Thomas. **Utopia**. Prefácio João Almino. Tradução Anah de Melo Franco. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. Quem te olhou, mas não te viu: representações do maravilhoso sobre o cerrado goiano no século XVIII. In: MELLO, Marcelo; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso; SILVA, Ademir Luiz (orgs). **Território, cidades e cultura no Cerrado**. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2012. p. 157 – 168. [Coleção Tessituras do Cerrado].

REVISTA UFO. **Eles viriam de Urano?** Edição 214. 01 de Agosto de 2014. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/eles-viriam-de-urano.html>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

RODRIGUES, João Anatalino. **Mestres do universo: A Maçonaria dos graus superiores**. 1ª ed. Mogi das Cruzes, SP: Biblioteca 24 horas, 2010.

ROSA, Henrique. **O governo oculto do mundo**. 2ª ed. Revisada e atualizada. São Paulo: Editora Portal, 1998.

SALVI, Luís A. W. **Geografia espiritual: a ciência das origens**. Alto Paraíso: Edições Agharta, 2009.

SALVI, Luís A.W. **Geografia sagrada da América do Sul**. São Paulo: IBRASA, 2000.

SALVI, Luís A.W. **Mensagens da cidade cristal**. 1ª ed. Alto Paraíso de Goiás: Edições Agharta, 2007.

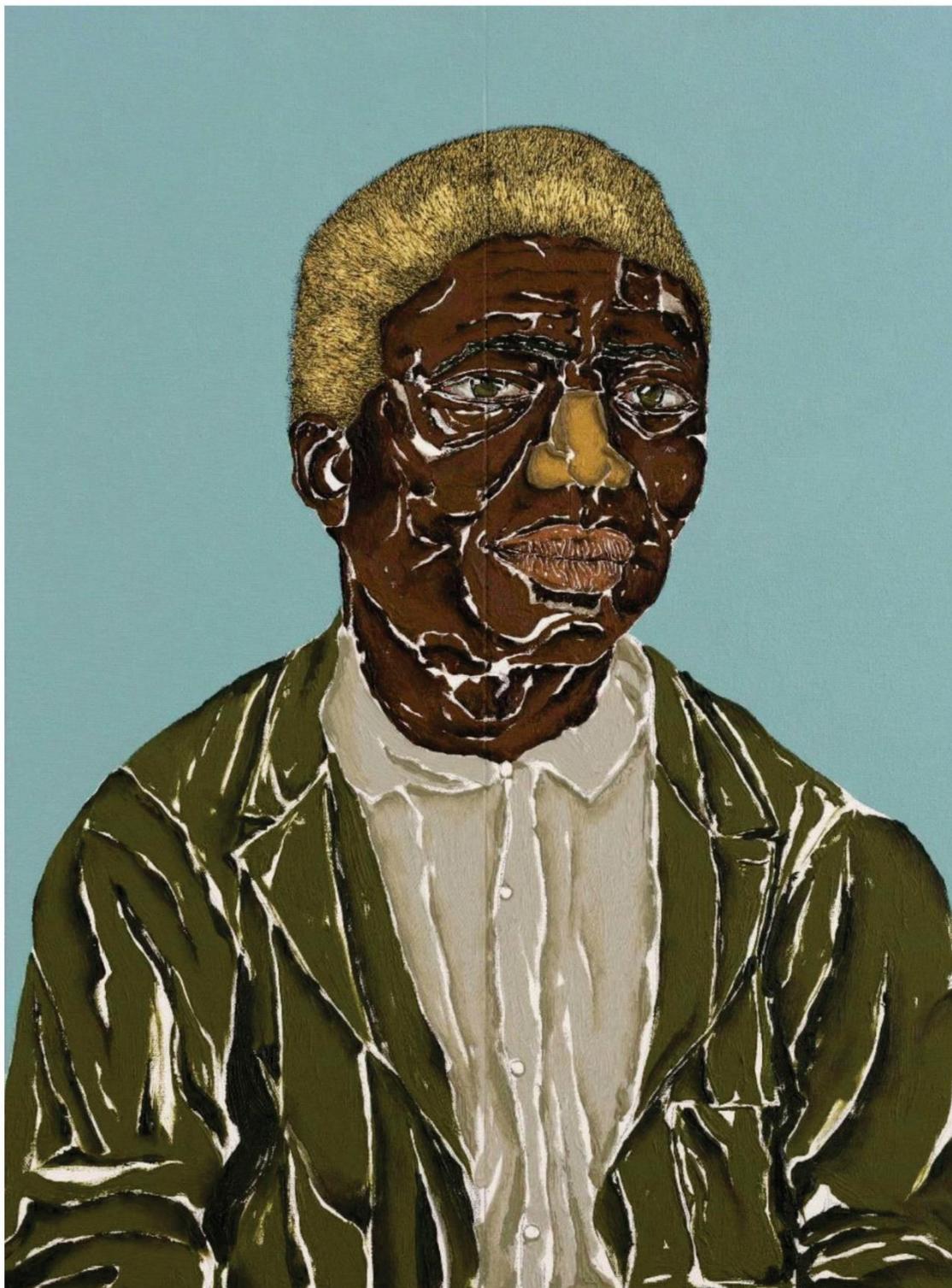
SALVI, Luís A.W. **Os centros espirituais brasileiros**. Alto Paraíso de Goiás: Edições Agharta, 2010.

SASS, Roselis Von. **Revelações inéditas da História do Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Ordem do Graal na Terra, 1991.

SIQUEIRA, Deis. A labiríntica busca religiosa na atualidade: crenças, e práticas místico-esotéricas na capital do Brasil. In: LIMA, Ricardo Barbosa de & SIQUEIRA, Deis (orgs.). **Sociologia das Adesões: Novas religiosidades e a busca místico – esotérica na capital do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, Vieira, 2003s. p. 25 – 64.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. 1ª ed. 9ª. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TOVÁR, Alodio. **A face oculta da natureza: o enigma de Paraúna**. Editora: IMERY. Ano: 1986.



Daniel (de Viana) | Óleo e folha de ouro sobre tela | 61 x 45 cm | 2020 | Foto: Paulo Rezende

Artista: Dalton Paula